



Neamp

“Caminhando”: representações da “marselhesa brasileira” na mídia impressa

Dalva Silveira*

É o hino nacional perfeito; nasceu no meio da luta, foi crescendo de baixo para cima, cantado, cada vez mais espontânea e emocionalmente, por maior número de pessoas. É a nossa Marselhesa.

Millôr Fernandes

Resumo

A música “Caminhando”, de Geraldo Vandré, tornou-se símbolo da luta contra a ditadura militar ou qualquer outra forma de opressão e vem sendo cantada, até a atualidade, em passeatas e movimentos sociais. Alguns fatores cooperaram para isso, como, por exemplo, o seu lançamento, ocorrido num momento marcado pela radicalização das ações da esquerda brasileira e pelo consequente acirramento do autoritarismo político, quando a canção conseguiu sintetizar o sentimento contido nos movimentos de resistência ao regime. A mídia impressa brasileira, também, parece ter cooperado para esse fato. Sendo assim, este artigo apresenta algumas representações veiculadas pela imprensa, na tentativa de compreender essa contribuição. Rememora, também, o contexto histórico de sua apresentação e alguns momentos de apropriação da canção.

Palavras-chave:

“Caminhando”. Mídia impressa. Resistência. Ditadura militar.

Abstract

The song “Caminhando” Geraldo Vandré became a symbol of the fight against military dictatorship or any form of oppression, and has been sung, until today, in march and social movements. Some factors have cooperated to this, for example, it was released in a time marked by the radicalization of the actions of the Brazilian opposition and the consequent intensification of political authoritarianism in that song could summarize the sentiment contained in the resistance movements against the regime. The printed Brazilian media also seems to have cooperated to this fact. Therefore, this article shows some representations published by it, trying to understand (or reach) this contribution. It also recalls the historical context of its presentation and some moments of appropriation of the song.

Keywords:

* Professora do CEFET_MG



Neamp

“Caminhando”. Printed media. Resistance. Military dictatorship.

1 Introdução

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Somos todos iguais braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição.¹

A apresentação dessa música no III Festival Internacional da Canção (FIC), que aconteceu entre setembro e outubro de 1968, em plena ditadura militar, num momento marcado pela radicalização das ações da esquerda brasileira e pelo consequente acirramento do autoritarismo político, tornou-a emblemática, uma vez que a composição conseguiu sintetizar o sentimento contido nos movimentos de resistência a esse governo.

Jornalistas, ao se referirem a “Caminhando”,² confirmam o valor simbólico da canção. Exemplo disso é a opinião do jornalista Luiz Zanin Orichio, que se refere a seu compositor, Geraldo Vandré, como o

¹ Essa música, cujo título é “Pra não dizer que não falei das flores”, é conhecida popularmente como “Caminhando”. Segundo Zuza Homem de Mello, a canção é chamada, também, de “Sexta coluna”, mas esse subtítulo ficou esquecido (MELLO, 2003). A letra foi retirada do encarte do CD *MPB Compositores – Geraldo Vandré*, RGE, 1997.



Neamp

“autor do mais consagrado hino das esquerdas brasileiras, *Caminhando*” (*O Estado de S. Paulo*, 22 out. 1994).³ De fato, como veremos, desde seu lançamento, a canção tornou-se símbolo da luta contra a ditadura militar ou qualquer outra forma de opressão e vem sendo cantada em passeatas e movimentos sociais.

Após a marcante apresentação de Vandré no III FIC, as polêmicas sobre ele e “Caminhando” ganharam enormes proporções na mídia impressa brasileira. Este artigo apresenta algumas representações sobre essa canção, que foram veiculadas pela imprensa, na tentativa de compreender sua contribuição para o fato de a música tornar-se emblemática. Iniciaremos nossa exposição lembrando os possíveis motivos de sua criação e a participação de Geraldo Vandré no festival.

² Neste artigo, será usado, preferencialmente, o título “Caminhando” ao se fazer referência à canção.

³ Com o objetivo de evidenciar o destaque dado a “Caminhando” pela mídia impressa, as referências de artigos retirados de jornais e de revistas serão indicadas pelo nome da publicação e sua respectiva data.



Neamp

2 Criação, III FIC e consagração

Não existe uma única versão sobre o motivo que teria levado à criação de “Caminhando”, mas qualquer uma das versões se encaixa perfeitamente no contexto da época. No encarte do CD *Nação nordestina* (2000),⁴ de Zé Ramalho, o motivo de sua criação é assim descrito: “Essa canção foi feita em cinco dias, logo após a realização da passeata dos cem mil, em junho de 68, no antigo estado da Guanabara. O autor inspirou-se no alto de um edifício da Candelária quando observava o movimento”.

Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, no livro didático *Saber e fazer história*, sugerem que “a música foi uma resposta ao grande sucesso *Revolution*, do grupo inglês *The Beatles*, na qual se exaltava a solução de conflitos com base no amor e não na ação política” (COTRIM; RODRIGUES, 2007, p. 228).

O jornalista e escritor Celso Lungaretti publicou uma matéria no jornal *Cidade de Itapetininga* cujo título é: “O Vandrê que eu conheci”. Nela, o jornalista, recorrendo a suas lembranças, oferece outra versão a respeito da criação da célebre canção. Para ele, o motivo encontra sua origem no dia 1º de maio de 1968, ocasião em que o governador Abreu Sodré, ao discursar na Praça da Sé, recebeu dos trabalhadores do ABC e de Osasco, “organizados pela esquerda autêntica”, uma “nuvem de pedradas” (*Cidade de Itapetininga*, 24 mar. 2009). Sodré refugiou-se na catedral e Vandrê foi em seu socorro, sendo, assim, fotografado. Essa fotografia saiu na capa do jornal *Folha da Tarde*, fazendo com que muitos esquerdistas ficassem contra ele.

No final de junho de 1968, os trabalhadores de Osasco “tomaram pela primeira vez fábricas no Brasil” (*Cidade de Itapetininga*, 24 mar. 2009). Os estudantes resolveram apoiar o movimento e ocuparam a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), da Rua Maria Antônia, mantendo-a aberta durante as férias. Segundo Celso Lungaretti, Vandrê apareceu numa assembleia desse movimento, que se realizava à noite, e foi hostilizado pelos universitários. Lungaretti e seus companheiros secundaristas da zona leste eram admiradores de Vandrê e, por isso, resolveram ajudá-lo a sair dali com dignidade, convidando-o para ir com eles ao bar da esquina. A seguir, o jornalista descreve a maneira como conheceu a música e o motivo de sua criação:

⁴ “Caminhando” é a terceira canção desse CD.



Neamp

Bebemos, papeamos horas a fio, apareceu um violão e rolaram algumas músicas. Lá pelas tantas, o Vandré mostrou uma letra rascunhada e cheia de correções, que ele escrevera numa daquelas folhas brancas de embrulhar bengalas (pão). Era a “Caminhando”, que tivemos o privilégio de conhecer ainda em gestação. É importante notar que ele fez a “Caminhando” exatamente para responder aos esquerdistas que o estavam hostilizando. Quis lhes dizer que continuava acreditando nos mesmos valores, que nada havia mudado (*Cidade de Itapetininga*, 24 mar. 2009).

Os acontecimentos narrados demonstram o clima da época e a potencialidade de Geraldo Vandré e da mídia impressa para gerar polêmicas que, após a criação e a inscrição de “Caminhando” no III Festival Internacional da Canção, só aumentariam.

De acordo com Dalva Silveira, o III FIC, promovido pela TV Globo em parceria com a Secretaria de Turismo da Guanabara, aconteceu num momento de grande tensão política e repressão à oposição. Em agosto de 1968, uma passeata, em São Paulo, teve como consequência a detenção de 500 estudantes e, na capital do país, a Universidade de Brasília (UnB) foi invadida por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), provocando ferimentos em vários estudantes. Diante desse acontecimento, o deputado Márcio Moreira Alves apresentou, no dia 02 de setembro, na Câmara Federal, um discurso de protesto que propunha o boicote às comemorações do dia da Independência. Nesse contexto, o festival se apresentou como um ambiente propício para se protestar contra a situação criada pelo regime militar (SILVEIRA, 2011).

O jornalista e historiador Zuza Homem de Mello,⁵ em seu livro *A Era dos Festivais: uma parábola*, apresenta uma descrição singular sobre a participação de “Caminhando” nesse festival. Segundo esse relato, a polêmica com relação à participação da canção no III FIC iniciou-se já no processo de seleção das músicas e prosseguiu até o fim do evento.

Renato Corrêa, responsável pela equipe que selecionaria as músicas para a fase paulista do festival, ao se deparar com a canção, ficou preocupado com a censura. Sendo assim, recorreu a seus superiores, Boni e Walter Clark, que resolveram arriscar, acreditando que a música não seria

⁵ Zuza Homem de Mello foi testemunha ocular desse festival, pois, à época, ocupava a função de engenheiro de som nos programas musicais e nos festivais da TV Record de São Paulo.



Neamp

classificada. Portanto, a música de Vandré foi selecionada, e sua apresentação aconteceria no Teatro da Universidade Católica (TUCA),⁶ na segunda eliminatória da fase paulista, marcada para 14 de setembro.

Vandré se apresentaria sozinho, somente ele e seu violão. O jornalista e crítico musical Tárík de Souza relata que, semanas antes do evento, ele e Paulo Cotrim encontraram Vandré num bar da rua Major Sertório, em São Paulo, e que este lhes confidenciou sua incerteza: “Acabei de fazer uma música para cantar sozinho, com violão. Não sei se vai dar pé” (VENTURA, 1988, p. 191). Deu, pois, contrariando a previsão dos diretores da Globo, “Caminhando” foi classificada, com grande sucesso, para a disputa final paulista e para as duas eliminatórias do Rio de Janeiro. Entretanto, o clima era de tensão.

De acordo com Zuza Homem de Mello, no dia 28 de setembro, data da segunda eliminatória do Rio, Telé Cardim, uma das principais líderes de torcida dos festivais e fã de Geraldo Vandré, foi ao escritório do agenciador artístico Marcos Lázaro com a intenção de conseguir um ingresso para a final do festival. Nesse local, ouviu Marcos, que acabara de receber um telefonema, falar com seu irmão, José Lázaro: “os militares não querem que a música de Vandré ganhe o festival. Temos que falar com a organização do FIC porque, se ele ganhar, vão tomar uma atitude de sérias conseqüências” (MELLO, 2003, p. 286).

Telé partiu para o escritório do III FIC, no Rio de Janeiro, com o objetivo de avisar Vandré. Chegando lá, agitou jornalistas e demais presentes, falando sobre essa ameaça de impedimento. Walter Clark, no momento em que procurava confirmar essa notícia, foi chamado ao telefone pelo ajudante de ordens do general Sizen Sarmento “para avisá-lo que nem ‘Caminhando’ nem ‘América, América’, ambas com certificado da Polícia Federal, poderiam ganhar o festival” (MELLO, 2003, p. 287). Walter Clark apresentou argumentos sobre a liberdade do júri, mas de nada adiantou. Clark e Augusto José Marzagão, diretor geral do FIC, não tomaram nenhuma providência, temendo “criar um caso de repercussão imprevisível” (MELLO, 2003, p. 287).

⁶ O teatro está localizado no bairro de Perdizes, na cidade de São Paulo.



Neamp

Telé não encontrou Vandré no escritório e, por isso, foi ao Maracanãzinho, onde o compositor se encontrava. Avisou-o, então, sobre a proibição e, até mesmo, aconselhou-o a fazer uma declaração pública sobre o fato. Vandré não aceitou a sugestão, mas parece ter ficado bem apreensivo, pois, no dia da final, ocorrida em 29 de setembro, pediu aos repórteres da *Manchete*, João Luiz Albuquerque e Renato Sérgio, que fossem até o Maracanãzinho no carro da revista, e “ambos concordaram, porque imaginaram que teriam uma grande história para escrever” (MELLO, 2003, p. 288). A previsão estava certa, pois este era só o começo de uma história que, por várias vezes, seria recontada pela mídia impressa. O percurso até o Maracanãzinho ocorreu com tranquilidade, mas o mesmo não se pode dizer do evento e, particularmente, da apresentação de “Caminhando” nesse festival.

O Maracanãzinho estava lotado, e o favoritismo de “Caminhando” era evidente, como se lia nas reportagens da época. Uma matéria da revista *Manchete*, de 12 de outubro de 1968, é um bom exemplo em que se enfatiza tal preferência, por meio do uso de expressões como:

- [...] o público reivindicou com energia e ardor a vitória para Caminhando, de Geraldo Vandré, com o qual cantou em coro, antes e depois do resultado final, num espetáculo emocionante.
- A ovação do público foi o grande triunfo de Geraldo Vandré, que deixou o Maracanãzinho com o povo cantando a sua música (*Manchete*, 12 out. 1968).

Mas, apesar desse favoritismo, “Caminhando” não foi a canção vitoriosa. A ganhadora foi “Sabiá”, de Chico Buarque e Tom Jobim, que, num clima de grande tensão, venceu a música de Vandré. Segundo Celso Lungaretti (1988), o radialista e produtor musical Walter Silva colocou um gravador na sala do júri do III FIC e pôde exibir, na edição de segunda-feira do jornal paulista *Folha da Tarde*, a transcrição de falas que provavam que o presidente do júri, Donatelo Grieco, havia pressionado seus colegas para que não premiassem músicas que faziam propaganda da guerrilha, alegando que, caso contrário, poderia haver retaliações da ditadura. Lungaretti afirma que “a ameaça podia ser exagerada”, mas a música provocou tanto mal-estar entre os militares, que estes chegaram a promover, entre as tropas, um concurso de versos que respondessem à música “Caminhando”, e Samuel Wainer, o editor-chefe e diretor do jornal *Última Hora*, teria sido pressionado a publicar, nesse jornal, uma reportagem sobre o poema vencedor.



Neamp

A vitória de “Sabiá” não foi bem recebida pelo público. Os acontecimentos, após o anúncio de “Caminhando” como segunda colocada, confirmam essa afirmativa: quando o apresentador Hilton Gomes fez esse anúncio, a plateia que, nessa hora, aclamava o nome de Vandré, deduziu que a vitória seria dada para “Sabiá” e, de pé, começou a vaiar o resultado. Nesse momento, Vandré, que iria fazer a reapresentação da música, tentou acalmar a plateia com um discurso, transcrito por Maria do Rosário Caetano em matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*:

Olha, sabe o que eu acho? Eu acho (pausa)... Uma coisa só... mas Antonio Carlos Jobim e Chico Buarque de Holanda [*sic*] merecem nosso respeito (aplausos). A nossa função é fazer canções. A função de julgar, neste instante, é do júri que está ali (vaias)... Um momento! (mais vaias, longas)... Por favor, por favor, (mais vaias)... E tem mais uma coisa só. Pra vocês, pra vocês que continuam pensando que me apoiam vaiando. (“É marmelada, é marmelada...!”) Gente, gente!!! Por favor!!! (“É marmelada, é marmelada, é marmelada, é marmelada”) Olha tem uma coisa só. A vida não se resume em festivais (*O Estado de S. Paulo*, 23 fev. 2003).

No festival, nem o discurso de Vandré conseguiu acabar com as vaias. Justino Martins, um dos membros do júri e autor de uma matéria na revista *Manchete*, apresentou uma dramática confissão:

Membro do júri eu próprio, e mais combativo que romântico, vi-me esmagado com Vandré, não pelos aplausos, como ele, mas pelas vaias uníssonas do povo. No entrevero das batalhas os projéteis não escolhem cabeças. E, afinal, eu pertencia ao pelotão soberano. Foi uma experiência terrível, só consolada pela frase filosófica do cantor: A vida não se resume em festivais (*Manchete*, 12 out. 1968).

As vaias só diminuíram quando Vandré começou a tocar os dois únicos acordes de sua música:

Vandré antes de cantar novamente o seu *Caminhando* [...], procurava um pouco de silêncio. Mas o público só se acalmou quando ele começou a tocar o violão. E todas as vezes que entrava o estribilho – “vem, vamos embora, que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer” – as palmas cresciam; milhares de pessoas cantavam (*Manchete*, 12 out. 1968).

Quando Vandré terminou de cantar, o público voltou a vaiar, pois sabia que “Sabiá” era a vencedora. Sendo assim, as intérpretes dessa canção, Cynara e Cybele, entraram no palco acompanhadas por Vandré e cantaram, mas sem conseguir ouvir a orquestra. Sobre essas vaias, o jornal *O Estado de S. Paulo* comenta: “[...] Chico Buarque e Antonio Carlos Jobim foram soterrados por uma vaia selvagem, maciça e inadequada” (*O Estado de S. Paulo*, 02 out. 1988). Mas não foi apenas o *Estado* que



Neamp

comentou sobre esse festival. A partir de então, várias polêmicas sobre esse evento e, também, sobre “Caminhando” foram veiculadas pela mídia impressa.

3 “Caminhando” e representações na mídia impressa brasileira

Após o sucesso alcançado por “Caminhando”, as polêmicas sobre Geraldo Vandré e sobre a canção ganharam enormes proporções na mídia impressa brasileira. Um exemplo encontra-se na revista *Manchete*, de 12 de outubro de 1968, que, publicada no calor do momento, retratou o III FIC em “20 páginas sensacionais”, apresentando, na capa, a foto da reapresentação das cantoras Cynara e Cybele, juntamente com Vandré e outros. Na lateral direita, lê-se o seguinte trecho: “Sob peso da consagração popular, no Maracanãzinho, Geraldo Vandré, segundo colocado, canta com Cynara e Cibele [sic] a música vencedora ‘Sabiá’, de Tom Jobim e Chico Buarque”.

A revista enfatiza bastante a derrota de “Caminhando”. Já na primeira página, considerada a “vitrine da publicação”, em uma seção intitulada “Conversa com o Leitor”, aparece uma foto de Vandré e a seguinte descrição:

O moço que canta nesta página é Geraldo Vandré, cujo *hino de guerra*, intitulado *Caminhando*, ou *Sexta Coluna*, ou *Pra não dizer que não falei de flores*,⁷ empolgou as vinte mil pessoas que lotaram o Maracanãzinho [...]. Ele empolgou o público, mas não a maioria dos jurados que preferiu conceder o Galo de Ouro aos já consagrados Tom Jobim e Chico Buarque, pela sua harmoniosa e suave música inspirada no canto do Sabiá (*Manchete*, 12 out. 1968, grifo nosso).

Mas a polêmica derrota de “Caminhando” não foi relatada apenas pelos jornais da época. Ainda em 2003, *O Estado de S. Paulo*, numa matéria sobre o livro *Prepare seu coração*, de Solano Ribeiro,⁸ publicou a explicação do autor para a derrota de “Caminhando”:

Além da preferência da direção da Globo, advertida pelos militares de que, caminhando e cantando, soldados morriam pela pátria vivendo sem razão, o

⁷ O título correto é “Pra não dizer que não falei das flores”, conforme a lista das músicas participantes do III FIC (Cf. MELLO, 2003, p. 450) e também nos CDs de Geraldo Vandré que contam com sua regravação. Muitas vezes, jornalistas e escritores usam o título “Pra não dizer que não falei de flores” em seus textos; neste artigo, as citações serão feitas de acordo com as respectivas fontes.

⁸ Solano Ribeiro foi o criador do primeiro (1965) e diretor do último festival (1972) de uma fase que ele denomina de “O ciclo dos Festivais”, por causa das peculiaridades políticas, sociais e musicais vividas nesse período.



Neamp

Vandré não podia ganhar. A Globo, que sempre fazia a hora, não podia deixar acontecer: “De jeito nenhum!” Segurança Nacional. Era uma ordem, e pronto. Não deu outra (*O Estado de S. Paulo*, 23 fev. 2003).

Em 2007, a revista *Caros Amigos* também comentou sobre essa derrota: “vence Sabiá, de Chico Buarque e Tom Jobim, que leva uma vaia de 23 minutos. Mas ‘Caminhando’ vence em milhões de corações” (*Caros Amigos*, 2007, p. 306).

O caráter político da canção é um aspecto bastante enfatizado pelas matérias da mídia impressa. Tomemos como exemplo o comentário do maestro e ensaísta Júlio Medaglia, publicado na revista *Veja*, que remete a sua capacidade de mobilizar as massas:

Poucos acordes de violão e voz cansada. Vandré derrama sobre o auditório sua canção despojada, limpa e linda. *Um refrão chama para o canto em conjunto, comunicação imediata*, favorecida pela fluência da melodia, armada sobre dois únicos acordes, repetitivos [...]. *Há o desejo de luta* “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Na sua linda poesia, Vandré não poupa os que “inda fazem da flor seu mais forte refrão e acreditam nas flores vencendo o canhão” (*Veja*, 09 out. 1968, grifo nosso).

O *Jornal do Brasil* do dia 03 de maio de 1998, em comemoração ao aniversário de 30 anos da ocorrência do “Maio de 1968”, em Paris, publicou a reportagem “Protesto e convivências”. Seu texto vem ilustrado com uma foto em que Vandré oferece, simbolicamente, o seu violão para a plateia do III FIC; seu autor, o jornalista Tárk de Souza, refere-se à música “Caminhando” como o “*pico da canção de protesto*” (*Jornal do Brasil*, 03 mai. 1998, grifo nosso).

“Só, com um violão e uma canção de dois acordes, Vandré fez vinte mil pessoas cantarem ‘Pra não dizer que não falei de flores’. O governador da Guanabara não gosta destas flores”. Esta é a epígrafe da matéria da revista *Veja* de 09 de outubro de 1968. O texto da matéria inicia-se com a reprodução da declaração do general Luís de França Oliveira: “Essa música é *atentatória* à soberania do País, um achincalhe às Forças Armadas e não deveria nem mesmo ser inscrita” (*Veja*, 09 out. 1968, grifo nosso). Essa declaração era só o começo de uma longa história de censura, liberação e regravação da canção que a mídia impressa soube muito bem explorar.

“Caminhando” incomodou tanto os militares que “no dia 23 de Outubro veio a degola: a música de Vandré era proibida pelo governo de ser executada em rádios e locais públicos em todo território



Neamp

nacional” (MELLO, 2003, p. 299). O passo seguinte foi a apreensão dos discos. A canção estava fazendo muito sucesso: “segundo *jornais da época*, apesar das tentativas de se impedir a divulgação da música, foram vendidos 180 mil discos em quinze dias” (VIDAL, 2007, p. 70, grifo nosso).

Um exemplo de publicação sobre a apreensão dos discos foi a divulgada pelo jornal *Correio da Manhã*, de 10 de outubro de 1968, cujo título é: “DOPS apreendeu 500 discos de Vandré como subversivos”, e nela se lê:

Como foi anunciado, fiscais do Departamento de Censura e agentes do DOPS percorreram, ontem, as lojas de discos de Niterói e São Gonçalo, e apreenderam cerca de 500 compactos-simples da fábrica “Chantecler”, que continham a gravação do cantor e compositor Geraldo Vandré, *Pra não dizer que não falei de flores* (*Correio da Manhã*, 10 out. 1968).

Segundo a publicação, o disco estava tendo boa aceitação naquelas localidades, e a apreensão aconteceu porque a música “foi considerada como *subversiva e atentatória ao regime democrático* pela Polícia Federal” (*Correio da Manhã*, 10 out. 1968, grifo nosso). A matéria, ao definir o regime militar como democrático, reproduz uma expressão muito recorrente no discurso do governo militar, mas que não comunga com o pensamento de Sartori, pois, para esse autor, a democracia pressupõe que “os dirigentes devem resultar de uma designação livre e irrestrita daqueles que devem ser dirigidos” (SARTORI, 1994, p. 277). E este, definitivamente, não era o caso.

Em 1975, uma matéria publicada na revista alternativa *Ex-* relembra essa proibição ao comentar sobre uma publicação do jornal *O Estado de S. Paulo*:

“Pra não dizer que não falei de flores” era recolhida das lojas de disco, no Rio, em Recife, mesmo sem ordens federais: a música [...] segundo as autoridades: traria uma mensagem de *guerra revolucionária e psicológica altamente prejudicial ao regime vigente no país*, conforme notícia publicada no *O Estado de S. Paulo* em outubro de 1969, anunciando finalmente um IPM contra o compositor (*Ex-*, jun. 1975, p. 30, grifo nosso).

“Caminhando” manteve-se censurada por mais de dez anos, sendo liberada, apenas, em novembro de 1979. Okki de Souza afirma que “essa canção simples, que atirara o público do Maracanãzinho a aplausos frenéticos em 1968, foi a que sofreu a mais longa interdição da história do AI-5” (*Veja*, 24 mar. 1982). Apesar de a liberação acontecer após a revogação do AI-5, ocorrida em 1º de janeiro de



Neamp

1979, as matérias publicadas na mídia impressa demonstram que esse fato não ocorreu com tranquilidade.

No dia 04 de outubro de 1979, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou a matéria “‘Caminhando’, de Vandré, liberada”, cujo texto explica, brevemente, o contexto do lançamento, da censura e da apreensão dos discos ocorrida em 1968, e apresenta um interessante comentário: “tanto o compacto como o LP que traziam a faixa gravada ao vivo foram apreendidos e se tornaram raridades entre colecionadores”. Mas seu principal objetivo era tornar público que a música “Caminhando” havia sido liberada pela censura, em Brasília, no dia 03 de outubro, e que a gravadora RGE-Fermata iria relançá-la em compacto e em LP.

Porém, uma matéria do *Jornal da Tarde*, de 07 de novembro de 1979, apresentou como manchete os dizeres: “PROIBIDO: A música de Vandré, ainda vetada pela Censura”, e relatou que houve a determinação da apreensão em todo o território nacional do disco “Pra não dizer que não falei de flores (Caminhando)”, pela Divisão de Censura e Diversões Públicas da Polícia Federal (DCDP), em Brasília. Em seguida, informou que essa ordem foi cumprida imediatamente em Recife, seguida do Rio de Janeiro.

Após relatar que, em Recife, foram apreendidas 200 cópias, fez uma revelação: “[...] e uma emissora da capital pernambucana (a rádio Tamandaré) está ameaçada de ser suspensa, por ter transmitido a música”. O último parágrafo da matéria reproduz a fala de um agente da Polícia Federal, “que não quis se identificar”: “[...] funcionários de nosso setor de fiscalização continuam na rua, aqui no Recife, para apreender os discos, pois a música tem *evidente conotação política*” (*Jornal da Tarde*, 07 nov. 1979, grifo nosso).

Outra matéria sobre o assunto foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 09 de novembro de 1979. Nela, também foi exposto o motivo da apreensão; a novidade é que, ao final, ela sinalizou para um possível fim ao dilema: “[...] A Associação dos Produtores Fonográficos, em contato com a DCDP, prometeu entrar com recurso solicitando a liberação da música, ainda esta semana, o que faz prever a solução do assunto para a próxima semana”.

Finalmente, em 15 de novembro de 1979, a *Folha de S. Paulo* divulgou a matéria intitulada “Liberada a música de Geraldo Vandré”:



Neamp

BRASÍLIA – (Sucursal) – O Conselho Superior de Censura revogou ontem, pela primeira vez, atos da própria Censura Federal. Liberou para exibição em todo o território nacional o filme “Leucemia” de Noilto Nunes e a divulgação da música “Pra não dizer que não falei de flores”, ou “Caminhando”, de Geraldo Vandré, que estava proibida desde setembro de 1968.

Torna-se interessante lembrar que, mesmo durante o tempo em que esteve proibida, “Caminhando” fez história e embalou passeatas e movimentos sociais, o que vem ocorrendo até a atualidade. Este será nosso próximo assunto.

4 “Caminhando”: “viva numa incensurável voz coletiva”⁹

“Caminhando” foi apropriada pela “voz coletiva” como hino de contestação à ditadura militar, ali mesmo, no Maracanãzinho, no momento em que a ovacionaram de forma delirante. Escritores, jornalistas e até mesmo o processo do DOPS referente a Geraldo Vandré nos dão testemunho desse fato. O jornalista Celso Lungaretti afirma que, naquele mesmo momento, moradores de Copacabana realizaram a mesma apropriação:

Numa manifestação de rua, a repressão acabara de submeter estudantes a terríveis indignidades [...]. Isto despertou indignação generalizada na cordialíssima cidade maravilhosa. O III FIC aconteceu logo depois e os cariocas adotaram “Caminhando” como desagravo. Vandré teve muito mais torcida lá do que em SP. Quando ele reapresentou a música, já como 2ª colocada, os moradores de Copacabana abriram as janelas de seus apartamentos e colocaram a TV no volume máximo. *Cantaram juntos, expressando toda sua raiva da ditadura (Cidade de Itapetininga, 24 mar. 2009, grifo nosso).*

Marcelo Ridenti percebe a relação entre o texto do “Chamamento ao povo brasileiro”, feito por Carlos Marighella, o fundador da Aliança Nacional Libertadora (ANL), ainda em dezembro de 1968, e a canção de Vandré. Neste, Marighella mostrava que a morte de Che Guevara, na Bolívia, “não significou o fim da guerrilha. Ao contrário, inspirados no desprendido exemplo do Guerrilheiro Heróico, prosseguimos no Brasil sua luta patriótica, trabalhando junto ao nosso povo com a certeza na mente e a História a nosso favor” (*apud* RIDENTI, 2000, p. 169).

⁹ Expressão retirada da revista *MPB Compositores* (1997, p. 21): “[...] *Caminhando*, mesmo proibida pela ditadura por mais de uma década, permaneceria viva numa incensurável voz coletiva”.



Neamp

Marcelo Ridenti, ao perceber a relação entre esse texto¹⁰ e a música, faz o seguinte comentário:

Note-se que essas palavras remetem implicitamente aos versos conclusivos da famosa canção de Geraldo Vandré, Pra não dizer que não falei de flores, que acabara de ser gravada; “a certeza na mente/ a História na mão/ caminhando e cantando e seguindo a canção”, vindo depois o estribilho, afinado com a proposta guerrilheira: “vem, vamos embora, que esperar não é saber/ quem sabe faz a hora, não espera acontecer” (RIDENTI, 2000, p. 169).

O processo do DOPS referente ao compositor aponta a presença da música “Caminhando” em algumas manifestações sociais, como, por exemplo:

O II Exército, em sua informação nº 1814, de 8-9-1969, nos informou que em Vila Brandina, realizou-se um acampamento, pertencente à Federação das Entidades Assistenciais locais [...]. Ao término do seminário, todos os participantes cantaram AS FLORES, de Geraldo Vandré (50-Z-9-97 35).

Passados quase dez anos após a proibição de “Caminhando”, o jornalista Alex Solnik escreveu em matéria do jornal *Repórter*, de março de 1978, que a música já se transformou até em nome de facção estudantil: “A música se transformou quase no *hino dos estudantes em 1968*. Até hoje é lembrada em qualquer rodinha de violão. A primeira palavra da letra, ‘caminhando’, deu o nome a uma facção estudantil de universitários” (grifo nosso).

A revista *MPB Compositores* relata três momentos em que essa música esteve presente:

Em 1979, quando a multidão se reuniu para prestar as últimas homenagens ao metalúrgico Santos Dias, assassinado pela polícia, em São Paulo, a música seria cantada várias vezes. Da mesma maneira que acontecera, anos antes, nos enterros de outras *vítimas da repressão política*: o jornalista Vladimir Herzog, em 1975, e o estudante Alexandre Vanucci Leme [*sic*], em 1973 (*MPB Compositores*, 1997, p. 21, grifo nosso).

Joaquim Aguiar nos fala da presença de “Caminhando” na campanha em prol das eleições diretas para a presidência da República, ocorrida em 1984:

¹⁰ Referimo-nos, aqui, ao manifesto de Marighella retomado por Ridenti em seu livro *Em busca do povo brasileiro*: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000. Cf. MARIGHELLA, Carlos. *Escritos*. São Paulo: Livramento, 1979.



Neamp

“Caminhando” tornou-se um paradigma da canção de protesto brasileira, e serviu para consagrar de vez Geraldo Vandré [...]. Proibida durante anos pela censura, a canção voltaria a ser gravada em 1979 por Simone. Pouco tempo depois, seria cantada em praça pública durante a frustrada campanha das eleições diretas para a presidência da república (AGUIAR, 1993, p. 63, grifo nosso).

Ao final de 2005, “Caminhando”, música considerada uma ameaça ao governo ditatorial, também foi usada como trilha sonora para uma publicidade do governo “democrático”. Trata-se da propaganda de uma política educacional do Governo Federal, o Programa Universidade Para Todos (ProUni).¹¹

5 Considerações finais

Estes foram alguns exemplos que demonstram que “Caminhando” continuou “viva numa incensurável voz coletiva”. “Hino de guerra”, “slogan para as manifestações estudantis”, “nossa marselhesa”, “hino das esquerdas brasileiras”, “paradigma da canção de protesto brasileira” e “hino de contestação à ditadura” são algumas expressões usadas para se fazer referência à canção, que demonstram o seu simbolismo e a conotação política que lhe foi atribuída.

Deve-se considerar que o fato de a mídia impressa veicular, até a atualidade, matérias que tratam dessa canção contribui para a permanência desse simbolismo e, ao mesmo tempo, representa um exemplo de que ela continua viva, pois a imprensa não se interessaria em oferecer ao público, e por tantas vezes, um produto que ninguém deseja comprar.

Referências

AGUIAR, Joaquim. **A poesia da canção**. São Paulo: Scipione, 1993 (Coleção Margens do Texto).

CASTRO, Bruno Fernando de. Para não dizer que não falei de mitos: a campanha publicitária do ProUni. **Trabalho Necessário**: Revista Acadêmico-eletrônica em Trabalho e Educação, v. 5, n. 5, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN05%20CASTRO,%20B.F..pdf>>. Acesso em 24 ago. 2010.

¹¹ Para ver a propaganda, consultar o endereço <http://www.youtube.com/watch?v=WRMUN_IYWR8> (acesso em 24 ago. 2010). Conforme Bruno Fernandes de Castro, sua produtora foi a agência Lew Lara Propaganda e Comunicação Ltda.; foi ao ar a partir do dia 17 de novembro de 2005, sendo exibida durante o horário nobre televisivo, em basicamente duas emissoras: TVE e Rede Globo (CASTRO, 2007).



Neamp

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer história**: história geral e do Brasil, 9º ano, 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MARIGHELLA, Carlos. **Escritos**. São Paulo: Livramento, 1979.

MELLO, Zuzana Homem de. **A Era dos Festivais**: uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARTORI, Giovanni. **A teoria da democracia revisitada**. São Paulo: Ática, 1994.

SILVEIRA, Dalva. A imprensa brasileira e a representação de Geraldo Vandré como símbolo de protesto contra a ditadura militar. **Ponto-e-vírgula**, São Paulo, n. 9, p. 89-104. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n9/indexn9.htm>>. Acesso em 02 mai. 2011.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. A aventura de uma geração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIDAL, Jeane. **Vandré**: tempo de repouso. 2007. 118f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2007.

Documento institucional

Processo CPI-DOPS referente a Geraldo Vandré (INF 52-Z-0-8020). Disponível ao público no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

Periódicos citados:¹²

MEDAGLIA, Júlio. As combatidas flores de Geraldo Vandré. **Veja**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 54-55, 09 out. 1968.

DOPS apreendeu 500 discos de Vandré como subversivos. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 10 out. 1968.

20 MIL pessoas contra 15 jurados: a primeira batalha do festival. **Manchete**, p. 3-4, 12-14, 12 out. 1968.

SILVA, Mylton Severiano da. Vandré prá quem quiser. **Ex-**, p. 29-31, jun. 1975.

SOLNIK, Alex. Ex-cantor não fala sobre seu passado: diz que já morreu! **Repórter**, n. 4, mar. 1978.

"CAMINHANDO", de Vandré, liberada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 out. 1979.

¹² As matérias estão descritas em ordem cronológica. Algumas não apresentam o nome do autor.



Neamp

PROIBIDO: A música de Vandré, ainda vetada pela censura. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 07 nov. 1979, p.18.

POLÍCIA explica caso da música de Vandré. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 nov. 1979.

LIBERADA a música de Geraldo Vandré. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 nov. 1979.

SOUZA, Okky de. Vandré espera acontecer. **Veja**, São Paulo, v. 15, n. 707, p. 84-85, 24 mar. 1982.

LUNGARETTI, Celso. O público vai a Chico Buarque: é o fim de uma época. Escrito em 1988, para a **Agência Estado**. Disponível em: <<http://www.jornalrebate.com/50/cel.htm>>. Acesso em 17 mar. 2009.

VINTE anos depois, só ficou o sabiá. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 out. 1988.

FUCUTA, Brenda. Marchando e cantando. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 nov. 1994.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Nova marcha: Geraldo Vandré canta na festa da aviação. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 out. 1994.

GERALDO Vandré. **MPB Compositores**, n. 31, p. 1-21, 1997.

SOUZA, Tárk de. Protesto e Convivências. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 mai. 1998. p. 7.

DIAS, Mauro. A História dos grandes festivais, por seu inventor. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 fev. 2003. Caderno 2, Cultura D6.

CAETANO, Maria do Rosário. Militares vetaram Vandré. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 fev. 2003. Caderno 2, Cultura D6.

PROIBIDO de vencer. **Caros Amigos**, n. 10, p. 306, 2007 (Coleção A Ditadura Militar no Brasil).

LUNGARETTI, Celso. O Vandré que eu conheci. **Cidade de Itapetininga**, Itapetininga, 24 mar. 2009. Disponível em: <<http://naufrago.da.utopia.blogspot.com/>>. Acesso em 31 mar. 2009.